

...

Afinidades não eletivas

A propósito do livro de Olivier Besancenot e Michaël Löwy

Para um diálogo sem frases vazias entre
libertários e marxistas

Versão francesa:

Éditions du Monde libertaire/Éditions libertaires René Berthier

Afinidades não-eletivas

René Berthier

“Um programa político tem valor apenas quando, saindo de generalidades vagas, ele determina precisamente as instituições que ele propõe no lugar daquelas que ele quer derrubar ou reformar.”
Bakunin.

Introdução

Olivier Besancenot e Michael Löwy publicaram um livro intitulado *Afinidades Revolucionárias: As Nossas Estrelas Vermelhas e Negras*¹, que visa destacar as “alianças e a solidariedade” entre o movimento libertário e o movimento comunista. Os dois autores querem “lançar luz sobre este lado ignorado, muitas vezes deliberadamente, que revela a fraternidade de suas lutas”. Parece-me ser uma excelente ideia².

O presente trabalho, no entanto, não é, estritamente falando, uma resposta às *Afinidades Revolucionárias*: de fato, pareceu-me muito difícil responder aos pontos de vista expressos por Besancenot e Löwy porque sua argumentação é muito alusiva e vaga, baseada em uma apresentação extremamente aproximada dos fatos. Portanto, em vez de responder, escolhi simplesmente abordar os mesmos fatos, as mesmas perguntas, mas à nossa maneira: o leitor fará de si mesmo uma ideia.

Sempre que o marxismo está em crise, ele escolhe entre duas atitudes, dependendo do caso:

¹ *Afinidades Revolucionárias – Nossas Estrelas Vermelhas e Negras*, Löwy, Michael, Besancenot, Olivier, editora Unesp.

² *Aviso*: o autor se expressa neste texto a título estritamente pessoal e pode, ocasionalmente, expressar opiniões que não são necessariamente admitidas no movimento libertário.

1. Para fazer-nos esquecer das experiências concentracionárias do “marxismo real”, os autores marxistas voltam atrás e tentam apresentar o marxismo como um “humanismo”; eles então se referem aos textos juvenis de Marx, os *Manuscritos de 1844*, esquecendo que seu autor rejeitou categoricamente o humanismo após a feroz crítica que Max Stirner fizera em 1845.

2. Eles se esforçam para dar ao marxismo um polimento libertário, tentam amansar os anarquistas dizendo: “Não somos assim tão diferentes”. Então, eles se referem a dois documentos que são, a meus olhos, falsificações históricas: *A Guerra Civil na França*, de Marx (maio de 1871) e *O Estado e a Revolução*, de Lenin (novembro de 1917).

O primeiro livro é um texto oportunista escrito na época da Comuna de Paris — um texto em que Marx pretende adotar uma abordagem federalista, enquanto ele sempre atacou ferozmente o federalismo: Marx *odiava* o federalismo. Segundo ele, tratava-se de uma forma política que era uma relíquia da Idade Média. Em várias ocasiões, insultou os seus correspondentes, chamando-lhes “federalistas”.

O segundo livro, escrito em um momento difícil em que Lenin precisava do apoio dos anarquistas russos, não faz concessões sobre o que ele realmente pensa, mas deu ao leitor superficial a impressão do contrário. Quando o livro foi publicado, muitos anarquistas e sindicalistas revolucionários franceses acreditavam que Lenin era um anarquista.

A crise que o marxismo revolucionário atravessa hoje é um efeito colateral da crise do marxismo em geral. O colapso da URSS privou muitas pessoas de um modelo. Já então, ninguém pensava que este modelo era perfeito, mas continuava a ser um modelo. A tese do “Estado operário degenerado”, caro aos trotskistas, também entrou em colapso, assim como a ideia de que a revolução mundial estava próxima porque, disseram-nos, “as forças produtivas” haviam “parado de crescer”³.

Em suma, bastava fazer na União Soviética uma revolução política, não uma revolução social: substituir os burocratas por verdadeiros revolucionários (trotskistas, se possível).

É verdade que a perda da hegemonia marxista poderia ter sido um fator que permitiu o diálogo. Este fato é particularmente visível, na prática, pelos militantes libertários da CGT francesa, por exemplo; mas a maior tolerância ao anarquismo ou anarcossindicalismo é também consequência

³ Tese cara aos trotskistas representados pela Quarta Internacional e presentes em vários países do mundo.

da “crise da militância”, o que significa que o que resta dos núcleos comunistas na Confederação é forçado a ser mais complacente.

Mas isso também pode ser visto na teoria, como aponta Tomás Ibáñez:

“Esta recente abertura do marxismo ao anarquismo provavelmente responde ao fato de que as últimas cinco ou seis décadas têm sido mais devastadoras para algumas de suas suposições do que para as dos anarquistas”⁴.

É verdade que muitos libertários podem ter pensado, após o colapso da URSS, que o movimento anarquista seria finalmente capaz de se expressar, de se desenvolver. O comunismo, que tinha fornecido às massas populares um futuro radiante e ilusório, foi muitas vezes designado pelos anarquistas como o principal obstáculo ao desenvolvimento do anarquismo. Foi uma atitude confortável, que evitou questionar as causas internas do baixo desenvolvimento do movimento.

Agora que a União Soviética fora definitivamente derrotada, o caminho estava aberto, pensou-se, para o desenvolvimento de uma verdadeira alternativa anarquista ao capitalismo. No entanto, era preciso dizer que a natureza confidencial do anarquismo persistiu, ainda que mantivesse continuidade histórica em muitos países, inclusive na América Latina, onde sofreu uma terrível repressão durante o período das ditaduras. Em outras palavras, os anarquistas ainda têm de analisar por que o colapso do comunismo soviético beneficiou em tão pouco seu movimento — ou mesmo em nada.

Em geral, podemos pensar que os social-democratas de esquerda — os marxistas revolucionários — já entenderam que nunca mais retomarão o Palácio de Inverno; e que os libertários entenderam que nunca mais voltarão a fazer as coletivizações de 1936-1939 na Espanha. Embora muitos ativistas de ambas as correntes tenham vivido por muito tempo em um delírio de identificação com seus respectivos modelos, acho que podemos dizer que esse período definitivamente acabou.

As diversas variedades do marxismo revolucionário, especialmente os trotskistas, tentaram adaptar-se. De certa forma, os trotskistas adaptaram-se melhor aos novos tempos do que os anarquistas. Eles voltaram ao seu modelo original: tornaram-se social-democratas, mas com um ou outro entalhe mais à esquerda do que a social-democracia “ordinária”.

⁴ Tomás Ibáñez,
http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Il_faut_imager_Sisyphes_heureux.pdf

Resolveram se atolar um pouco mais na política parlamentar: como Marx, eles pensam que não há política exceto na participação no jogo eleitoral, pensam que o movimento revolucionário é apenas “visível” em sua participação em campanhas eleitorais, por falta de estar visível no próprio Parlamento. Ouvimos frequentemente os ativistas se queixarem de que a sua atividade é definida apenas por prazos eleitorais. Uma eleição passada, você tem que preparar a outra.

Quando Marx culpou os federalistas da AIT pelo seu “apoliticismo”, na verdade, culpa-os pela sua rejeição da ação parlamentar, que, em seu entender, era a única forma de ação política que podia ser considerada. Claro, os marxistas revolucionários de hoje dizem que eles só concorrem às eleições porque é a maneira de fazer sua voz ser ouvida, de fazer propaganda. Note-se que, inicialmente, *todos* os social-democratas revolucionários do século XIX diziam que a participação nas eleições parlamentares era apenas um meio de propaganda.

Quanto aos anarquistas, eles foram incapazes, ou não quiseram, retomar em grande escala o modelo anarcossindicalista. A supremacia do modelo social-democrata, mesmo colaboracionista entre “parceiros sociais”, dificulta seriamente qualquer perspectiva de emancipação e saída do capitalismo. Uma exceção, no entanto: Espanha (novamente!). Uma organização anarcossindicalista foi reconstituída após a morte de Franco, mas em uma base muito mais estreita do que na década de 1930.

Responder a Besancenot & Löwy apresenta uma dificuldade metodológica real, porque seu trabalho é uma longa série de aproximações descontextualizadas, afirmações acaloradas e adoçamento dos fatos, a fim de poder apresentar a todo custo a ilusão de afinidades entre o marxismo e o anarquismo. *Afinidades Revolucionárias* procura atenuar as críticas aos anarquistas, atenuar as diferenças — o que é desconcertante para nós porque não estamos acostumados a isso! Mas o seu livro também busca diminuir a responsabilidade dos comunistas em todos os episódios em que eles usaram a repressão contra a classe trabalhadora. Kronstadt? Sim, foi um “erro e uma falha”, mas não houve escolha, foi isso ou abrir a porta para a reação — uma afirmação perfeitamente questionável.

A satisfação das exigências dos marinheiros de Kronstadt (que incluíam a igualdade das rações alimentares entre bolcheviques e não-bolcheviques...) não teria causado um influxo de reação, mas, ao contrário, uma extensão da dinâmica revolucionária em toda a Rússia. E a menor tentativa de reação, interna ou não, teria recebido um levantamento de massas comparável ao de fevereiro de 1917 na França revolucionária (ver

nota 56). Mas é certo que o partido bolchevique teria perdido o monopólio do poder, o que os bolcheviques queriam evitar a todo custo.

Houve períodos durante os quais as duas correntes — anarquista e comunista — colaboraram. E foram mais frequentemente os anarquistas que colaboraram com os comunistas do que o contrário. Há também muitas interrelações teóricas, muitas vezes ignoradas por ambos os lados. De fato, é impossível responder a Besancenot & Löwy porque ler seu livro é como entrar em uma névoa espessa.

É extremamente frustrante ter de dedicar dez páginas de explicações para contrariar dez linhas de aproximações ou de mentiras.

Assim, em vez de examinar ponto por ponto todas as passagens questionáveis do livro de Besancenot e Löwy, pensei que seria mais útil lidar com os mesmos pontos e compará-los com outra visão da história, a nossa própria.

Um exemplo entre muitos outros: no capítulo sobre a revolução russa, podemos ler: “Em outubro de 1917, os soviets, tendo tomado consciência de sua própria força, suplantaram o poder institucional e tomaram o poder”⁵. Duas páginas depois aprendemos que “a insurreição, organizada pelos bolcheviques, dá [*sic*] poder ao 2º Congresso de Sovietes da Rússia[...]”.

Estas declarações são contraditórias: (a) os soviets tomaram o poder; (b) os bolcheviques deram o poder aos soviets. É um ou outro, você tem que escolher.

Além disso, tais declarações são totalmente falsas, são até escandalosamente desonestas: a realidade é que a insurreição de outubro de 1917 foi precisamente destinada a *impedir* que o 2º Congresso dos Sovietes tomasse o poder, como veremos. De fato, o que aconteceu foi que os soviets tinham decidido tomar o poder no seu 2º Congresso a 25 de outubro. Mas, aqui está: embora os bolcheviques estivessem numa boa posição em muitos soviets, Lenin queria obsessivamente que o partido bolchevique tomasse o poder, *antes* do congresso soviético. Há inúmeras cartas de Lenin ordenando aos bolcheviques que tomassem o poder *antes do 2º Congresso dos Sovietes*, acusando-os de traição se não o fizessem.

Por conseguinte, é suficiente consultar os textos da época escritos pelos protagonistas para ter uma ideia do que realmente aconteceu. Estas são chamadas de fontes primárias, que só por si mesmas nos permitem reivindicar uma abordagem histórica e racional.

⁵ Besancenot & Löwy, *op. cit.* p. 105.

Algumas das questões abordadas na *Afinidades Revolucionárias* são, na minha opinião, de pouco interesse. Por isso, me concentrarei apenas nas questões que considero essenciais. A “Carta a Louise Michel”, embora comovente, não é muito importante no debate, exceto para mostrar que Besancenot está de uma forma ou de outra ligado pessoalmente, através de sua avó, ao caráter mítico da Comuna. Isso não cria “afinidades” com o anarquismo.

Besancenot parece estar familiarizado com a referência à sua avó, já que a mencionou durante uma viagem ao México. O mesmo vale para os outros personagens mencionados no capítulo “Retratos”, cujo único propósito, em minha opinião, é encontrar conexões entre o marxismo e o anarquismo onde não há nenhuma: Rosa Luxemburgo odiava os anarquistas, Pierre Monatte havia negado o anarquismo havia muito tempo quando se juntou ao Partido Comunista em 1923, depois de ter traído o sindicalismo revolucionário⁶. Além disso, trazer Emma Goldman e Durruti de volta ao marxismo requer muita imaginação: a única atração que estes dois personagens podem ter do ponto de vista marxista é que a primeira foi durante um tempo enganada pela ilusão do bolchevismo e o segundo proporciona (através dos “Amigos de Durutti”) uma oportunidade para criticar a CNT espanhola.

Quanto ao Subcomandante Marcos, acho que Besancenot não está ressentido, porque quando foi ao México em dezembro de 2008 para o Festival Mundial da Digna Raiva, os zapatistas o fizeram perceber que não era bem-vindo em Chiapas porque havia participado de um encontro com o PRD (Partido da Revolução Democrática), um partido de “esquerda”, membro da Internacional Socialista, mas que os zapatistas consideram um de seus inimigos porque, ao lado dos outros partidos “grandes”, sempre apoiou a repressão do Estado contra as revoltas indígenas e populares.

Quem é o público das *Afinidades Revolucionárias*? O nível do discurso é muito básico: o livro não procura demonstrar, mas afirmar uma série de

⁶ “Quando foi privado da sua bússola libertária, o sindicalismo revolucionário deslocou-se. Fritz Brupbacher, revolucionário suíço e amigo de Pierre Monatte, lembra em seu livro *Sessenta Anos de Heresia* que o criador da *Vie ouvrière*, depois da revolução russa, ‘havia adotado a ideia do Estado como Lenin a definiu em seu livro *O Estado e a Revolução*’ e que, ‘em 1921, Monatte pensou que o PC era talvez esta minoria dominante’ que deveria liderar as massas, a minoria ativa que o sindicalismo tentou criar na França, sem sucesso” (Jacques Toublet, “Considérations sur l’anarcho-syndicalisme”, em *Anarcho-syndicalisme & anarchie* [Réponse à Murray Bookchin], ACL, p. 84).

coisas que deveriam indicar que há um possível acordo entre anarquistas e marxistas.

Parece-me óbvio que Besancenot & Löwy se dirigem a um público proveniente dos vastos movimentos sociais da década de 1990, que desenvolveram práticas descritas como “libertárias”: assembleia, rejeição partidária, oposição às hierarquias sindicais, antiglobalização, etc.. A extensão significativa de movimentos de protesto organizados de forma “horizontal” e opostos à sua recuperação pelos partidos políticos também pode ser um “alvo” para *Afinidades Revolucionárias*. Talvez o livro também aborde uma franja de militantes do movimento anarquista organizado. Mas o livro pode ter uma função no complexo funcionamento interno das tendências que percorrem o NPA (o “Novo Partido Anti-Capitalista”, o partido de Besancenot e Löwy).

Tomás Ibáñez se refere corretamente ao “anarquismo extramuros” para se referir às “enormes manifestações antiglobalização no início dos anos 2000 ou no movimento de 15 de maio de 2011 no seu início, ou em Occupy Wall Street, ou na Praça Taksim em Istambul. Em todos esses movimentos, que seria muito abusivo qualificar de anarquistas, havia princípios anti-hierárquicos, práticas não autoritárias, formas horizontais de organização e também o uso da ação direta, hostilidade ao exercício do poder e desconfiança em relação a qualquer tipo de vanguardismo”⁷.

Em suma, as “coisas reais” acontecem fora de todas as organizações revolucionárias “oficiais”, incluindo os anarquistas, e é aí que devemos ir buscar as tropas da organização revolucionária de amanhã, da mesma forma que os comunistas da década de 1920 foram ao movimento sindical para procurar recrutas para o partido. Tomás Ibáñez sempre comenta com razão:

“Eu ficaria muito mais tranquilo se os esforços daqueles que aspiram a uma grande organização anarquista fossem para desenvolvê-la, para construí-la, ganhando novos espaços e uma nova militância, em vez de usar o que já existe, o anarquismo atualmente ativo, para reestruturá-la, com o risco de impedir, ou mesmo de destruir, esse anarquismo que proliferou sem a necessidade de uma organização forte do tipo usual”⁸.

⁷ “Charla/Debate con Tomás Ibáñez y Carlos Taibo: Actualidad del anarquismo”, http://www.fondation-besnard.org/IMG/pdf/Debate_Actualidad_del_anarquismo_08-05-15.pdf.

⁸ *Ibid.*

A argumentação de *Afinidades Revolucionárias* permanece constantemente no nível do discurso político elementar, acessível a um público cuja formação política não lhe permite ter uma visão crítica do seu discurso. No entanto, sobre a questão das “afinidades” entre o marxismo e o anarquismo, haveria muito a dizer sobre a gênese e as inter-relações teóricas entre essas duas correntes: o problema é que, nesse sentido, o marxismo é muito devedor do anarquismo, e não tenho certeza de que Besancenot & Löwy estejam tão interessados em expandir essa questão.

01. — A Associação Internacional dos Trabalhadores

Muitos livros se referem à AIT como se fosse obra de Marx. Nada poderia estar mais longe da verdade. O próprio Marx reconhece que ela não é “filha de uma seita, [nem] de uma teoria”. É, acrescenta, o “produto espontâneo do movimento proletário gerado pelas tendências naturais e irreprimíveis do movimento popular”⁹. Esta admirável afirmação feita num relatório ao Congresso de Bruxelas (ao qual ele não participou) não esconde as frenéticas manobras de Marx para manter uma posição dominante no Conselho Geral. Além disso, a correspondência de Marx e Engels dá inúmeras provas de que eles consideravam a Internacional como seu campo exclusivo de ação.

Originalmente, Marx só tinha respondido a um convite de Victor Le Lubez, um exilado francês em Londres, para representar a imigração alemã na organização emergente. Primeiro tentou recusar o convite, mas imediatamente compreendeu as questões envolvidas. Decidiu participar da comissão provisória como exilado alemão. Este comitê incluía 21 ingleses e 10 alemães, 9 franceses, 6 italianos, 2 poloneses e 2 suíços. Com efeito, só os ingleses e os franceses representavam uma realidade operária.

A AIT foi antes de tudo o resultado de uma iniciativa anglo-francesa. James Guillaume escreveu com alguma razão que a Internacional era “uma criança nascida nas oficinas de Paris e fomentada em Londres”. Falando de Marx, o companheiro de Bakunin acrescenta: “Ele entrou para a Internacional no momento em que a iniciativa dos trabalhadores ingleses e franceses tinha acabado de criá-la. Como o cuco, ele veio pôr o seu ovo num ninho que não era dele. O seu objetivo era, desde o primeiro dia, fazer da grande organização dos trabalhadores o instrumento de suas opiniões

⁹ Relatório do Conselho Geral para o Congresso de Bruxelas, 1868.

peçoais”¹⁰.

Dizer, como Besancenot & Löwy o fazem, que os apoiadores de Proudhon estiveram presentes “desde o início” é estar *muito distante da verdade*, é um desejo deliberado de minimizar o seu papel na fundação da Internacional, porque eles foram, com os seus camaradas ingleses, seus *co-fundadores*: a influência de Proudhon foi então decisiva no movimento operário francês, mesmo que seu pensamento fosse muitas vezes mal entendido por seus sucessores, e usado de forma errada¹¹.

No entanto, o princípio da associação dos trabalhadores, a autonomia dos trabalhadores em relação ao capital e ao Estado, a gestão da produção pelos próprios produtores — ou seja, a autogestão — e a noção de federalismo em matéria política e econômica etc., constituem uma base comum para o movimento operário francês: são aspirações que vêm das profundezas da classe trabalhadora e são frequentemente expressas de uma forma confusa, mas firme.

Besancenot & Löwy mencionam a autogestão muitas vezes no seu livro. No entanto, é surpreendente não ver o nome de Proudhon, muitas vezes referido como o “pai da autogestão”. Esta teria sido uma excelente oportunidade para destacar uma das “afinidades revolucionárias” de que falam.

A iniciativa de criar uma organização internacional pertence, portanto, a dois grupos de trabalhadores envolvidos nas lutas em seus respectivos países: um grupo de dirigentes sindicais ingleses e um grupo de mutualistas proudhonianos franceses.

Os ingleses. A classe trabalhadora inglesa estava poderosamente organizada no nível sindical. Em 1859, uma grande greve dos

¹⁰ James Guillaume, *Karl Marx pangermaniste*, p. 5 (Reprint from the collection of the University of Michigan Library).

¹¹ É difícil imaginar hoje a influência das ideias de Proudhon na Europa de seu tempo. Seus artigos de jornal foram lidos apaixonadamente pelas classes trabalhadoras. Sua *Primeira Memória* (“O que é Propriedade?”), descrito como “o manifesto científico do proletariado francês” por Marx), sua *Justiça* (“um dos livros mais importantes do século XIX”, segundo H. de Lubac, e sua *Capacidade Política* (“este catecismo do movimento operário francês”, segundo o sociólogo Georges Gurvitch), fez dele um dos líderes do socialismo europeu. O próprio Engels escreveu a Marx em 18 de dezembro de 1850, que, na Inglaterra, “Proudhon é um pasto pronto” (Engels para Marx, 18 de dezembro de 1850). Assim que os seus livros foram publicados, foram traduzidos para o alemão, o espanhol e o russo. Engels, mais uma vez, reconhece a extensão da influência de Proudhon no prefácio de 1890 do *Manifesto Comunista*.

trabalhadores da construção de Londres confrontou os dirigentes sindicais com a necessidade prática de solidariedade com o movimento operário continental para impedir a contratação de grevistas.

Depois de 1864, a Internacional desenvolveu-se na Inglaterra, mas os seus números declinaram muito rapidamente e ela não deixou nenhuma influência significativa no movimento laboral daquele país. A AIT só se manifestou na forma da relação pessoal de Marx com os líderes sindicalistas. Os membros ingleses representaram inicialmente o maior grupo da nova organização: 25.000 em 1866, 50.000 em 1867; mas isto representava uma fração ínfima da massa do movimento sindical inglês. Além disso, não havia nenhuma federação inglesa. As contribuições foram irregulares.

Marx rapidamente percebeu que a confusa reunião de Saint Martin's Hall constituía um evento que seria absolutamente decisivo para o futuro do movimento sindical internacional. Infelizmente, as considerações sórdidas de baixa estratégia levarão Marx a impedir a todo custo a formação de uma Federação Inglesa: esta vai se constituir só muito mais tarde, e em oposição à liderança “marxista” da Internacional.

Os franceses. O movimento operário francês tinha sofrido uma repressão feroz após a revolução de 1848 e durante o regime imperial de Napoleão III. Em 1861, os tipógrafos parisienses fizeram uma grande greve. Uma nova geração de ativistas tinha surgido, influenciada por teses de Proudhon e defendendo a associação de trabalhadores, a organização de cooperativas, o crédito mútuo.

Ao contrário da Inglaterra, o movimento operário francês não tinha organizações poderosas, mas possuía tradições, uma cultura, que o leva a reivindicar autonomia. Havia também um movimento associativo bem estabelecido — reformista, é claro, mas que desconfiava da burguesia e opunha-se a qualquer colaboração política com ela; assim, a influência de Proudhon se via muito presente.

Em 22 de julho de 1864, uma assembleia reuniu os principais líderes sindicais de Londres e seis trabalhadores franceses. No dia seguinte, os ingleses acolheram os franceses numa reunião restrita em que foram lançadas as bases de um acordo. A Associação Internacional dos Trabalhadores foi definitivamente formada durante uma viagem de Tolain e Perrachon, acompanhados por Passementier, a Londres em setembro de 1864.

Em 29 de setembro de 1864, em uma reunião no Saint Martin's Hall, a AIT foi oficialmente constituída. É aprovado o projeto francês de criação

de seções na Europa ligadas por um comitê central. A nova organização, essencialmente franco-inglesa, inclui, no entanto, imigrantes poloneses, e foi responsável pela elaboração dos estatutos da organização. Nesse momento, Marx era apenas um exilado alemão que aderiu à subcomissão responsável pela redação dos estatutos. Em seguida, tornou-se Secretário Permanente para a Alemanha: não exercerá qualquer outro cargo oficial na Internacional.

01-1 Uma Estrutura de Tipo Sindical

A estrutura criada é, em princípio, a de uma associação sindical de trabalhadores, mas, na realidade, a Internacional acabará por ser um conglomerado composto por grupos sindicais, cooperativas, grupos nacionais, grupos de propaganda. Um Conselho Geral estabelece “relações entre as diferentes associações de trabalhadores de tal maneira que os trabalhadores de cada país estejam constantemente conscientes dos movimentos de sua classe nos outros países”.

Além do Conselho Geral, devem ser formadas federações nacionais e seções locais de trabalhadores. A Internacional realizará congressos anuais soberanos. O movimento sindical inglês (as Trade Unions) recusa-se a aderir. No entanto, as seções aparecerão muito rapidamente na França, Bélgica, Suíça, Espanha, Itália, Portugal, Dinamarca e Holanda. Note-se que nunca houve uma federação alemã, embora os alemães estivessem sobrerrepresentados no Conselho Geral. Em preparação para o Congresso de Haia, que deveria excluir Bakunin e James Guillaume, Engels reconheceu que as seções alemãs tinham enviado apenas algumas centenas de contribuições ao Conselho Geral.

A partir de 1866, a AIT foi marcada por uma profunda evolução. Na Europa, o setor do artesanato, que continua a ser importante, está diminuindo face ao desenvolvimento da grande indústria. A introdução do maquinismo proletariza sucessivamente os diferentes ramos da indústria artesanal; outros ramos da indústria desenvolveram-se. Esta reestruturação da produção conduz a movimentos de preços, salários, licenciamentos, desemprego, crises cíclicas. Um movimento de greves espalhou-se e intensificou-se por toda a Europa, cuja repressão, muitas vezes feroz, apenas aumentou a influência da Internacional, fundada apenas dois anos antes. As greves, que até então tinham um carácter fortuito, tornaram-se verdadeiras batalhas de classes, permitindo que os trabalhadores experimentassem em primeira mão a solidariedade que por vezes lhes chega do estrangeiro.

As revoltas desses trabalhadores são principalmente desencadeadas por

condições locais e fatores econômicos: pressão dos empregadores sobre as organizações de trabalhadores, salários mais baixos, horários de trabalho aumentados, preços mais elevados, tentativas dos trabalhadores em obter melhores condições de trabalho. A maioria dos trabalhadores desconhece a existência da AIT. É durante as lutas que eles lideram, que os trabalhadores descobrem sua efetiva solidariedade. Se a Internacional não intervém na eclosão de greves, manifesta-se através de apelos à solidariedade transfronteiriça, organiza recolhas, envia dinheiro para os grevistas.

A AIT incentiva e trabalha para a formação de sindicatos, o reagrupamento das forças dos trabalhadores. Foi graças à sua intervenção que os trabalhadores em bronze parisienses saíram vitoriosos do confronto, que os trabalhadores em edifícios de Genebra finalmente triunfaram. Para os trabalhadores insatisfeitos com seu destino, seus jornais oferecem críticas à ordem social e soluções. Até 1866, os apoiadores belgas e franceses de Proudhon se opunham às greves, mas a partir de 1867 puderam ver o grande valor da greve no campo da propaganda, da solidariedade e da unidade dos trabalhadores¹².

01-2 Marx e Bakunin: Um Pouco de Perspectiva

Se a AIT constitui um evento central nas respectivas constituições do anarquismo e do marxismo, uma pequena distância permitiria melhorar a perspectiva, colocando os “teóricos” no seu lugar. O marxista Franz Mehring é um dos poucos a ter percebido a situação com um olhar aguçado.

¹² A Proudhon é creditada a ideia de que ele se opôs às greves. Mas ele disse apenas que as greves não podem resolver fundamentalmente a questão social. Alguns autores chegam ao ponto de dizer que Proudhon aprovou o assassinato de grevistas pela polícia; este é o caso particular de Iuri Steklov, historiador bolchevique e autor de uma *História da Primeira Internacional*. Esta acusação deriva de uma leitura errada do texto de Proudhon — o que facilmente acontece quando se lê muito rapidamente. Para Proudhon, as lutas econômicas, como as greves, que ele reconheceu como “o único meio” de defesa dos trabalhadores, são mais ações de desespero do que lutas efetivas adaptadas às necessidades. Além disso, os aumentos salariais têm lugar num sistema cujas leis inerentes anulam os seus efeitos. Proudhon viveu numa época de transição de uma produção predominantemente artesanal para uma economia industrial. Ele não entendeu o que Bakunin havia compreendido perfeitamente: se as greves não mudam fundamentalmente a condição de trabalho, são um poderoso fator de educação revolucionária, unificação da classe trabalhadora e treinamento para lutas mais amplas, uma “ginástica revolucionária”, como diriam mais tarde os sindicalistas revolucionários.

Em sua biografia de Marx, ele escreve de maneira muito relevante sobre a tendência bakuniniana:

“Percebemos que a razão pela qual ela tomou seu nome emprestado de Bakunin foi porque ela acreditava que suas ideias resolveriam os antagonismos e conflitos sociais dos quais ela era o produto”¹³.

Bakunin não estava na posição de líder partidário: era um observador atento das práticas do movimento operário, que analisava e teorizava. Muitos trabalhadores se encontraram em seu discurso porque ele descreveu suas próprias práticas. Franz Mehring, portanto, não tem uma abordagem ideológica sobre a questão¹⁴, ele faz uma análise racional, em termos de classe, das forças sociais envolvidas. As seções que acreditavam poder confiar em Marx foram aquelas que encontraram nele uma justificativa para sua própria atividade institucional: elas são essencialmente orientadas para a reivindicação do sufrágio universal e o estabelecimento da democracia parlamentar:

1. — Estavam com Marx (até certo ponto), os trabalhadores ingleses, que não eram uma federação da AIT; os líderes sindicalistas estavam apenas usando a Internacional para obter a reforma eleitoral. Depois do Congresso de Haia (1872), a novíssima federação inglesa (constituída *oito anos após a fundação da AIT...*), revoltada com as intrigas de Marx, se uniu às posições da Federação de Jura, mas sem aderir às chamadas teses “anarquistas”...

2. — A AIT alemã não existia. A lei proibia os alemães de aderir a uma organização internacional, e os socialistas alemães respeitavam a lei, ao contrário dos trabalhadores franceses, espanhóis e italianos e portugueses.

3. — Quanto à seção de Genebra, foi composta pela aristocracia dos cidadãos trabalhadores da indústria relojoeira suíça, que estavam em processo de conclusão de alianças eleitorais com a burguesia radical: “foram apanhados em compromissos eleitorais com os radicais burgueses”, como diz Bakunin.

¹³ Franz Mehring, *Karl Marx — Histoire de sa vie*, Éditions sociales, p. 522.

¹⁴ Por abordagem ideológica entendemos a abordagem que consiste, por exemplo, em considerar *A Guerra Civil na França* como um livro de história sobre a Comuna, contendo a verdade sobre esse evento, e não como um livro que expõe as opiniões de Marx sobre o assunto, em um determinado momento e por determinadas razões.

Se Marx e os seus amigos controlavam o aparelho da Internacional, tinham muito pouco apoio no proletariado da época. Marx tentará manobrar, sem sucesso, entre as diferentes correntes do socialismo alemão para que uma federação alemã seja efetivamente representada. As chamadas correntes do socialismo alemão, em disputa permanente, não se interessaram pela AIT durante seu período de constituição, interessaram-se um pouco por ela durante os dois anos de sua maior expansão, e depois perderam o interesse nela: a AIT, e Marx, serviram apenas aos líderes socialistas alemães como instrumentos chamados ao resgate para arbitrar seus conflitos internos.

Foi só depois da publicação de *O Capital* que eles realmente se interessaram por Marx, pois ele se tornou uma figura conhecida, e tê-lo ao seu lado era um trunfo na competição que os partidos socialistas estavam fazendo entre si.

A lei que proibia os alemães de aderir a uma organização internacional raramente foi aplicada, mas serviu de álibi para os líderes alemães justificarem a sua falta de envolvimento com a Internacional. Também havia a proibição na França, Espanha, Itália, Bélgica e Portugal, mas isso nunca impediu o desenvolvimento da organização nesses países. No entanto, os trabalhadores alemães estavam interessados nela; o Conselho Geral recebia frequentemente pedidos de ajuda, ou pedidos de adesão de trabalhadores alemães que não encontravam qualquer eco junto aos líderes socialistas de seu país. Marx fez relatórios ao Conselho Geral, nos quais a importância da Alemanha foi muito superestimada: ampliou consideravelmente qualquer evento que pudesse apoiar a ideia de uma atividade internacionalista na Alemanha, a fim de legitimar a sua posição no Conselho Geral.

J. P. Becker, um grande amigo de Marx (e antigo membro da Aliança Bakuniniana), começou a organizar, com grande sucesso, uma federação de língua alemã da Suíça, que era uma forma de contornar a legislação alemã. Mas Marx opôs-se ferozmente a ela: uma organização baseada na língua não se prestava a uma estratégia parlamentar nacional, uma vez que teria reunido membros que *falavam* alemão, mas que não podiam *votar* num parlamento alemão.

O tempo coincidiu com a fundação do Partido Social-Democrata Alemão e, quando este se desenvolveu, a organização anterior da AIT na Alemanha declinou — fato sublinhado por Franz Mehring em sua *Vida de Karl Marx*. As seções criadas por J. P. Becker foram esvaziadas de sua substância. O Partido Social-Democrata, teoricamente afiliado, tinha uma

relação puramente platônica com a Internacional, segundo o próprio Engels:

“[...] a posição do Partido dos Trabalhadores Alemães em relação à Internacional nunca foi clara. Ficamos com uma relação puramente platônica; nunca houve nenhum apoio real, nem mesmo pessoas isoladas (com poucas exceções)”¹⁵.

Assim, quando Marx e seus amigos decidiram excluir os federalistas do Congresso de Haia, em setembro de 1872, ele foi singularmente privado de ativos, além de seu controle sobre o aparelho da organização.

Bebel escreveu no *Volkstaat* de 16 de março de 1872 que os membros alemães da Internacional nunca tinham pago contribuições em Londres! A sobrerrepresentação dos alemães no Conselho Geral e no Congresso de Haia foi apenas o resultado da manipulação de Marx. Quatro meses antes do Congresso de Haia, que deveria ratificar a exclusão de Bakunin e James Guillaume, Engels escreveu para Liebknecht uma carta em pânico: quantos cartões você distribuiu, ele perguntou: “Os 208 calculados pelo Finck não são tudo!”

“A coisa se torna séria, e precisamos saber onde estamos, caso contrário, você nos forçaria a agir por conta própria, considerando que o Partido Social-Democrata do Trabalho é estrangeiro para a Internacional e se comporta em relação a ela como uma organização neutra”¹⁶.

É difícil expressar com mais clareza a falta de interesse dos líderes social-democratas alemães em relação à AIT. Em comparação, a federação espanhola tinha 40.000 membros e as seções francesas representavam 10.000 membros na véspera da Comuna ¹⁷.

¹⁵ Carta de Engels a Theodor Cuno, 7-8 de maio de 1872.

¹⁶ Carta de Engels a Wilhelm Liebknecht, 22 de junho de 1871.

¹⁷ “Na verdade, é quase impossível estimar o número real [*de membros da AIT*]. Em vez de se deter em números muitas vezes incontroláveis, é preferível distinguir três níveis de filiação. Apenas algumas dezenas de milhares de membros já pagaram as suas quotas. A estes membros diretos devem somar-se várias centenas de milhares de adesões coletivas, às vezes virtuais ou simbólicas (através da filiação a câmaras sindicais, ou votadas por aclamação durante uma greve) e muitas vezes temporárias. Finalmente, há milhões de trabalhadores em todo o mundo que, sem serem membros da AIT, se reconhecem nela através do que ouviram sobre ela e do que lhes foi dito sobre ela e estão mais ou menos prontos para pedir-lhe ajuda quando chegar a altura, ou mesmo para seguir as suas ordens.

01-3 Os desafios do confronto

Quais foram os desafios do confronto entre Bakunin e Marx, feito de múltiplas peripécias e que terminará com a exclusão burocrática de Bakunin e James Guillaume da Internacional?

1. Deveríamos promover partidos políticos nacionais apresentando candidatos para as eleições (posição de Marx) ou devemos manter a estrutura de tipo sindical (posição de Bakunin)?

2. Deve a AIT definir uma política única para todos os seus membros (a posição de Marx) ou deve deixar que as várias seções, que se encontram “em condições tão diferentes de temperamento, cultura e desenvolvimento econômico”¹⁸, amadureçam através do debate político antes de alcançar uma posição geral (ponto de vista de Bakunin)?¹⁹

De acordo com Georges Haupt, a recusa de Marx em participar de um debate doutrinário com Bakunin “é sobretudo tática”. Todo o esforço de Marx tende a minimizar Bakunin, a negar qualquer consistência teórica ao seu rival. Ele se recusa a reconhecer o sistema de pensamento de Bakunin “porque Marx procura assim desacreditá-lo e reduzi-lo às dimensões de um líder de seita e conspirador do tipo antigo”²⁰.

Seja nos congressos de Genebra ou de Lausanne, em 1867, as posições do Conselho Geral, isto é, de Marx, não suscitaram entusiasmo. As coisas começaram a mudar no Congresso de Bruxelas em 1868. A questão do ensino obrigatório e gratuito é levantada, bem como a da igualdade de direitos para as mulheres. Os mutualistas são derrotados: opuseram-se à análise dos problemas políticos. Para homens como Varlin e César de Paepe, a análise dos problemas políticos não pode ser excluída, mas esses problemas devem ser abordados no seio da Internacional. O Congresso concluiu com esta declaração do Presidente Eugène Dupont:

Daí a força do ‘mito’ AIT, tanto entre os seus apoiantes como entre os seus adversários.” (Michel Cordillot. *Revue Contretemps* n° 24, 1^{er} trimestre 2014.)

¹⁸ Bakounine, *Œuvres*, t. III, éd. Champ libre, p. 179.

¹⁹ Bakunin e seus apoiadores não foram os únicos a perceber a posição de Marx como uma vontade de impor um “programa único” à Internacional. Um ativista inglês, pragmático e nada partidário da tendência bakuniniana, resumiu muito bem a situação: “Sendo assim, é certo que seria impossível adotar uma política uniforme que fosse aplicável a todos os países e em todas as circunstâncias” (*L’internationale, documents et souvenirs*, t. II, éditions G. Lebovici, p. 25).

²⁰ Georges Haupt, *Bakounine: combats et débats*, Institut d’études slaves, 1979.

“Não queremos governo porque ele só serve para oprimir o povo. Não queremos mais exércitos permanentes porque servem apenas para massacrar as pessoas, não queremos religiões porque servem apenas para apagar as luzes e destruir a inteligência”.

Foi no Congresso de Basileia, em 1869, que se chegou a um verdadeiro ponto de viragem. Bakunin é agora membro. Os proudhonianos de direita foram definitivamente derrotados na sequência de uma aliança entre bakuninistas, blanquistas e marxistas. Houve um confronto sobre a questão da herança, que não tinha nenhum interesse substantivo, mas que serviu de pretexto para os marxistas contarem os votos. Apresentaram uma alteração à resolução votada, que foi rejeitada. O peso respectivo das diferentes correntes pode ser determinado a partir dos votos expressos sobre as várias emendas ou moções:

- 63% dos delegados da AIT se reúnem em textos coletivistas “bakuninianos”;
- 31% estão agrupados em textos “marxistas”;
- 6% mantêm suas convicções mutualistas (simpatizantes do Proudhon).

Tal situação é obviamente inaceitável para Marx. É depois do Congresso de Basileia que começaram os ataques mais violentos contra o revolucionário russo. “Este russo, é claro, quer se tornar o ditador do movimento operário europeu. Deixe-o cuidar de si mesmo, se não será excomungado”, profetizou Marx em carta a Engels, datada de 27 de julho de 1869. É exatamente isso que vai acontecer. As intrigas de Marx e seus seguidores levaram às decisões da Conferência de Londres de 1871 (decisão de excluir Bakunin e James Guillaume) e do Congresso de Haia em 1872 (sua exclusão real).

Enquanto, no plano teórico, muitas coisas aproximam Marx e Bakunin, eles se opõem radicalmente no projeto político e na estratégia a ser adotada. Para Marx, o proletariado deve tomar o poder usando as formas institucionais criadas pela burguesia: o Parlamento. Ele e Engels estão convencidos de que onde existem instituições representativas e democracia política, os trabalhadores poderão adquirir “supremacia política” porque estão em maioria. A utilização de formas de ação extraparlamentares — a violência — é considerada marginalmente e para impor o sufrágio universal e as formas parlamentares.

Bakunin acredita que a burguesia, mesmo que seja liberal, usará os mesmos meios que os regimes descritos como autoritários para derrotar a revolução. Ele acredita que a burguesia nunca se permitirá ser despojada de

sua propriedade e privilégios por meios democráticos. “O despotismo governamental nunca é tão formidável e violento como quando se baseia na suposta representação e pseudovontade do povo”²¹.

Para Marx e Engels, a recusa em participar das eleições é percebida como uma recusa de qualquer ação política, porque, segundo eles, a ação política só pode ser parlamentar. Engels acusará os partidários de Bakunin: “Estes senhores exigem abstenção completa de qualquer ação política, em particular a não participação em todas as eleições”²². Mas Bakunin considera que a ação política não se limita à participação em órgãos parlamentares, mas na luta de classes de maneira geral. De fato, Marx tinha compreendido perfeitamente a posição de Bakunin, mas ele só se expressa sobre essa questão em sua correspondência privada, nunca em um texto público:

“A classe operária não deve envolver-se na política. A sua tarefa limita-se a organizar-se em sindicatos. Um dia, com a ajuda da Internacional, eles suplantarão todos os Estados existentes”²³.

Marx ainda acrescenta isso: “Este burro nem sequer compreendeu que qualquer movimento de classe como tal é necessariamente um movimento político e sempre foi”²⁴ — algo que Bakunin nunca negou: ele considerou que a ação política não se limita a participar nas eleições, mas na luta de classes de maneira geral.

Bakunin não rejeitou a ação política como tal, mas negou que se limitasse à ação parlamentar; quanto a Marx, cujo pensamento era mais complexo do que o que Bakunin poderia saber de acordo com os elementos à sua disposição na época, ele não exclui o uso de formas de ação extraparlamentares — força —, mas é apenas marginalmente, e para impor formas parlamentares.

Engels também havia perfeitamente compreendido a essência do pensamento de Bakunin, além das distorções da polêmica: ele escreveu a Theodore Cuno: “Como a Internacional de Bakunin não deve ser feita para a luta política, mas para poder, em liquidação social, substituir

²¹ Bakounine, *Étatisme et anarchie*, IV, Œuvres, Champ libre, p. 221.

²² Carta a Louis Pio, 7 mars 1872.

²³ Pode-se jogar o mesmo jogo que Marx e apresentar suas posições da seguinte maneira: “A classe trabalhadora deve fazer política. A sua tarefa limita-se a organizar-se em partidos. Um dia, eles tomarão o poder e suplantarão todos os Estados existentes...”

²⁴ Carta a Lafargue, 19 avril 1870.

imediatamente a antiga organização do Estado, ela deve aproximar-se o mais possível do ideal bakunista da futura sociedade”²⁵.

A formulação é irônica, mas Engels resume perfeitamente o ponto de vista de Bakunin e o que mais tarde se tornará o sindicalismo revolucionário. Esta era a ideia que se encontrava na Carta de Amiens em 1906. E aí reside o significado da noção de “destruição do Estado”: nada mais é do que a substituição da organização de classe da burguesia — o Estado — pela do proletariado.

Essa organização de classe reúne os indivíduos como trabalhadores, em seu local de trabalho, por um lado, e em uma estrutura interprofissional, por outro. Esta dupla estrutura, vertical e horizontal, desenvolve-se em um modelo federal até o nível nacional e internacional. Essa é uma ideia básica do bakunismo, diretamente inspirada por Proudhon e que será encontrada no sindicalismo revolucionário da CGT quando a estrutura geográfica horizontal (*Bourses du Travail*) se associar à estrutura industrial (a Federação Nacional de Sindicatos). Esta abordagem é rejeitada por unanimidade por todos os teóricos marxistas, com a notável exceção de Pannekoek, que repetiu essa ideia várias vezes em seus escritos:

“A luta de classes revolucionária do proletariado contra a burguesia e seus órgãos é inseparável do controle dos trabalhadores sobre o aparato de produção e sua extensão ao produto social, a forma de organização que une a classe em sua luta constitui simultaneamente a forma organizacional do novo processo de produção”²⁶.

Uma excelente definição do anarcossindicalismo, feita por um teórico marxista... Bakunin tinha perfeitamente definido o que separava os federalistas da Internacional da Social-Democracia Alemã: ele declarou em uma conferência: “Os objetivos que propomos são tão diferentes, a organização que recomendamos às massas trabalhadoras deve ser essencialmente diferente da deles”²⁷. Isto mostra que ele estava bem consciente de que havia uma profunda diferença na estratégia e no projeto entre os federalistas da Internacional e os marxistas. Esta ideia não é uma “invenção” de Bakunin, porque a citação data de 1872 e a mesma ideia pode ser encontrada num pequeno texto de César de Paepe datado de 1869,

²⁵ Carta a Th. Cuno, 24 janvier 1872.

²⁶ Pannekoek, *Les Conseils ouvriers*, EDI, p. 273.

²⁷ “Aos Companheiros da Federação das Seções Internacionais do Jura”, *Œuvres*, t. III, éd. Champ libre, p. 74.

intitulado, significativamente, “As Instituições Atuais da Internacional do Ponto de Vista do Seu Futuro”. O militante belga também parte da ideia de que as instituições que o proletariado forma sob o capitalismo prefiguram as instituições do futuro: “Queremos mostrar que a Internacional já oferece o tipo de sociedade que virá e que suas diversas instituições, com as modificações necessárias, formarão a futura ordem social”²⁸.

01-4 O Congresso de Haia (2-7 de setembro de 1872)

Obviamente, não contarei a história do Congresso de Haia, que votou pela exclusão de Bakunin e James Guillaume; vou me restringir a dizer algumas palavras sobre as incríveis manipulações que presidiram sua conduta com o objetivo de garantir a execução adequada da exclusão de Bakunin e James Guillaume. As manobras de Marx e Engels para assegurar uma maioria no Congresso de Haia foram inacreditáveis. “A Alemanha deve ter o maior número possível de representantes”, escreveu Marx a Kugelmann, em 29 de junho de 1872. O Conselho Geral exerce seu direito de distribuir mandatos, o que significa que muitos delegados não representam nenhuma seção operária. Dezoito delegados são proscritos franceses que vivem em Londres, apoiantes do Conselho Geral e que não representam nada. Lafargue tem três mandatos. Sorge, amigo Marx, tem dez mandatos em branco. Valliant tinha três mandatos, incluindo um de uma seção suíça a favor de Bakunin, que obteve através de um deputado conservador...

Delegados franceses tinham mandatos dos quais não se sabia de quem os recebiam: era impossível verificar os mandatos. Serrailier, Secretário do Conselho Geral para a França (onde a AIT era clandestina), chegou a Haia com os bolsos cheios de mandatos. Seis delegados franceses eram conhecidos apenas por seu pseudônimo, sem qualquer indicação da cidade de onde receberam os seus mandatos. O único que anunciou uma cidade — Rouen — foi logo rejeitado pela federação de Rouen porque ele tinha votado com o Conselho Geral embora tivesse o mandato com o imperativo de votar a favor dos federalistas.

Os internacionalistas de Bordéus perceberam que seu delegado, a quem foi dado o mandato com o imperativo de votar com os federalistas, havia votado com o Conselho Geral. Dois outros delegados franceses, Swarm e

²⁸ Citado em Bakounine, *Œuvres*, éd. Lebovici, tome III, appendice III, p. 255-256. Cf. *Le Progrès du Locle*, n° 9 du 1^{er} mars 1869, o artigo “L’Internationale et ses institutions de l’avenir”.

Walter — pseudônimos — foram detidos pouco depois e levados a julgamento, um em Toulouse e outro em Paris. Soube-se que Swarm, agente do Conselho Geral em Toulouse, era um delator; quanto a Walter, agente do Conselho Geral em Paris, arrependeu-se e jurou tornar-se um oponente feroz da Internacional²⁹. Terminado o Congresso de Haia, o Conselho Federal Inglês percebeu que o delegado que o representava não era sequer membro da Internacional!

A Alemanha não tinha nenhuma seção da Internacional, mas apenas uns poucos membros individuais. Como resultado, não pôde enviar delegados regulares para o Congresso. No entanto, para fortalecer a posição de Marx, nove alemães foram apresentados como delegados de seções inexistentes da AIT. Para poder votar na convenção, as seções deveriam ter pago suas cotas. No entanto, Bebel tinha escrito no *Volkstaat* de 16 de março de 1872, que os internacionalistas alemães nunca tinham pago contribuições para Londres³⁰! O Congresso vota poderes plenos ao Conselho Geral para suspender seções, ramos, federações. Marx justifica que é necessário proteger-se de agentes provocadores que poderiam criar seções, federações: mas com esse argumento, cada seção que é criada é suspeita! A outra decisão importante do Congresso é a votação da Resolução IX, que passará a ser o artigo 7a dos Estatutos, sobre a constituição da classe trabalhadora como partido político. Finalmente, dos três ativistas cuja exclusão tinha sido proposta: Bakunin, James Guillaume e Adhémar Schwitzguébel, apenas o último escapou à excomunhão.

Quando as federações-membro da AIT perceberam a manipulação a que haviam sido submetidas, rejeitaram as decisões deste Congresso fraudulento:

- A Federação do Jura, 15 de setembro de 1872;
- Os delegados das seções francesas em outubro;
- A Federação Italiana em dezembro, bem como a Federação Belga;
- A Federação Espanhola em janeiro de 1873, bem como as Federações Holandesa e Inglesa.

Como resultado dessas rejeições das decisões de Haia, as federações que protestavam foram simplesmente excluídas da Internacional. Em outras palavras, Marx e Engels excluíram da Internacional quase todo o movimento operário organizado da época! Certamente, nem todas as

²⁹ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, vol. I, t. 2, p. 326.

³⁰ *Ibidem*.

federações eram “bakuninistas” e a rejeição das práticas de Marx não constituiu um ato de adesão ao ponto de vista “anarquista”. No entanto, esta rejeição expressa claramente que a unidade internacional do movimento operário só foi possível a partir de uma solidariedade concreta, como propôs Bakunin e que a “poderosa centralização de todas os poderes nas mãos do Conselho Geral” resultou na dissolução de fato da AIT³¹.

Em Proudhon, “autoridade” é um conceito ligado ao *poder estatal*. Aplicado à AIT, o termo “antiautoritário” na verdade significava “antiburocrático” e distinguia as seções e federações que se opuseram à centralização burocrática da Internacional por Marx e sua comitiva. “Autoridade”, neste caso, não tinha um significado psicológico ou comportamental, referindo-se a um “temperamento” autoritário; ser “autoritário” era simplesmente comportar-se como um burocrata. Mais tarde, a palavra assumiu um senso comportamental, sob a influência do individualismo no movimento: o mero fato de se organizar era considerado “autoritário”.

No caso da Internacional, esta não foi uma burocratização ligada apenas à crescente complexidade da gestão de questões atuais, mas de burocratização visando monopolizar o poder. Assim, John Hales, membro do comitê inglês da Internacional, conta as dificuldades que teve com a burocracia da organização:

“Quem não conhecia o falecido Conselho Geral não pode ter ideia de como os fatos foram distorcidos ali e como as notícias que poderiam nos ter informado foram interceptadas. Nunca houve uma conspiração secreta cuja ação tenha sido mais secreta do que a do antigo Conselho Geral”³².

Hales diz que, quando era secretário-geral deste Conselho, “nunca conseguiu obter os endereços das federações do continente”. Um dia, o Conselho Federal Inglês recebeu uma carta muito importante do Conselho Federal Espanhol; mas o signatário desta carta, Anselmo Lorenzo, tinha-se esquecido de dar o seu endereço na carta. John Hales conta que “o Conselho Federal Inglês então pediu ao cidadão Engels, que era na época o secretário correspondente do Conselho Geral para a Espanha, para dar-lhe o endereço do Conselho Federal Espanhol: o cidadão Engels recusou-se formalmente”.

³¹ Cf. *Œuvres*, Champ libre, t. III, p. 411.

³² John Hales, carta ao Comitê Federal da Federação do Jura, 6 de novembro de 1872. *L'internationale, documents et souvenirs*, edições G. Lebovici, p. 25.

Engels fez a mesma recusa em relação ao Conselho Federal de Lisboa³³. Podemos ver que a burocracia contra a qual os federalistas lutavam não era uma ficção.

01-5 Saint-Imier, uma Cisão?

O Congresso de Saint-Imier, realizado em 15 de setembro de 1872, é muitas vezes referido como uma cisão. Se procurarmos a Associação Internacional de Trabalhadores Antiautoritários no Google, podemos ler: “A constituição desta nova internacional tem lugar em Saint-Imier a 15 de setembro de 1872” e ficamos a saber que “A Internacional ‘oficial’ denuncia esta cisão”.

Houve, de fato, dois congressos nesse dia em Saint-Imier. O primeiro, o da Federação do Jura, realizado de manhã, contestou as decisões de exclusão tomadas em Haia e o direito do Conselho Geral de legislar em nome das federações-membro. O segundo, realizado à tarde, foi um Congresso Internacional Extraordinário da AIT, convocado por iniciativa dos italianos³⁴, que confirmou as posições da Federação do Jura e também denunciou as decisões de Haia. O Conselho Geral estava assim totalmente isolado: nenhuma federação o apoiou, além da Federação Alemã fantasmagórica, que, na verdade, não existia.

Saint-Imier não era uma cisão! Foi simplesmente um Congresso Extraordinário da AIT, reunindo a esmagadora maioria das federações-membro, e que decidiu que a Internacional de 1864 deveria continuar! Isto é tão verdadeiro que a numeração dos seguintes congressos naturalmente seguiu a dos congressos anteriores.

O Congresso de Saint-Imier só tomou as decisões que teriam sido tomadas se as federações da Internacional tivessem sido regularmente convocadas com delegados cujos mandatos não tivessem sido fraudados e se tivessem sido honestamente informados da situação. Foram os “marxistas” que provocaram uma cisão, tomando decisões antiestatutárias, que foram rejeitadas por todas as outras federações constituídas da Internacional. A reação da burocracia que dirigia o Conselho Geral foi inacreditável: decidiu excluir a Federação do Jura e, em seguida, todas as federações que contestaram essa exclusão.

As exclusões do Conselho Geral — que, entretanto, tinha sido

³³ *Ibid.*

³⁴ A Federação Italiana foi uma criação muito recente, mas havia anteriormente seções da AIT na Itália. Embora ainda não fosse um membro, Bakunin estava por trás da criação de várias delas.

transferido para Nova Iorque — não tiveram, obviamente, qualquer efeito. O 6º Congresso — esse, sim, ordinário — da AIT chamada “antiautoritária” foi convocado em Genebra, de 1º a 6 de setembro de 1873, na continuidade dos congressos anteriores da Internacional, com delegados das Federações Inglesa, Belga, Holandesa, Suíça, Espanhola, Italiana e delegados franceses.

Pouco depois, também em Genebra, realizou-se o Congresso dos divisores marxistas, no qual quase ninguém participou, além dos genebrinos, que queriam mudar a sede da AIT para Genebra, o que perturbou Marx, que queria transferi-la para Nova Iorque, onde ninguém iria. Havia também um certo Heinrich Oberwinder, que fazia parte da ala direita do movimento socialista austríaco. Sob o nome de Schwarz, Oberwinder se deu bem com Becker, que lhe deu uma dúzia de mandatos austríacos dos quais ninguém sabe de onde, que foram distribuídos aos alemães em Genebra. Este Congresso foi um tal fiasco, como o próprio Marx o admitiu³⁵ que o relatório nem foi publicado.

É preciso, portanto, proclamá-lo: o Congresso Extraordinário da AIT em Saint-Imier, que decidiu emendar os estatutos, não foi uma cisão; não foi uma nova Internacional, mas a mesma, que continuou. Foi um sucesso retumbante para os federalistas. Este sucesso foi certamente de curta duração, pois a experiência terminou seis anos mais tarde. A Federação do Jura decidiu, no seu Congresso de 3 a 5 de agosto de 1878, não convocar mais Congressos Internacionais. Este Congresso, que deveria ter lugar em Freiburg, nunca ocorreu. A Internacional Antiautoritária tinha literalmente evaporado no ar.

Mas essa é outra história³⁶...

01-6 Tentativas de Reconciliação

Besancenot & Löwy podem não estar cientes de que os militantes federalistas da AIT, aqueles que foram excluídos pela burocracia do Conselho Geral, fizeram repetidas tentativas para chegar a um acordo com os socialistas de Estado, para se aproximar deles. O *Boletim da Federação do Jura*, de 3 de setembro de 1876, recorda num artigo que, desde 1869, eles não haviam cessado de “pregar a união e a paz”. Os anti-autoritários jurassianos nunca teve em relação à corrente socialista do Estado a atitude sectária que esta última tinha constantemente para com eles. Enquanto os

³⁵ Carta de Marx a Sorge, 27 de setembro de 1873.

³⁶ Esta questão é abordada em René Berthier, *La fin de la première internationale*, éditions du Monde Libertaire.

socialistas estavam de modo geral em uma situação de total incompreensão das teorias federalistas, os jurassianos constantemente tentaram se engajar em um diálogo com eles. De certa forma, o verdadeiro nascimento do anarquismo remonta ao dia em que os “anarquistas” perceberam que nenhum diálogo era possível, quando, em 1896, foram definitivamente expulsos dos congressos socialistas internacionais em que persistiram em participar após o colapso da chamada AIT “antiautoritária”.

Antes desta data fatídica, os “antiautoritários” mostraram uma admirável falta de sectarismo. Até mesmo a questão das candidaturas dos trabalhadores ao Parlamento foi abordada pelos ativistas do Jura de uma forma totalmente aberta. Assim, o jornal *Solidarité*, que defendia o ponto de vista dos jurassianos, considerava que se tratava de uma questão de táticas “que poderiam ser resolvidas de diferentes maneiras, segundo os países e as circunstâncias”, diz James Guillaume — em plena conformidade com as decisões tomadas pelo Congresso Internacional de Saint-Imier em 1872. O *Solidariedade* de 4 de junho de 1870 diz em um artigo intitulado “As Candidaturas Internacionais e Trabalhistas”:

“Se os ingleses, alemães, americanos... acreditam que estão a servir a causa do trabalho através de candidaturas de trabalhadores, não podemos culpá-los. Afinal, eles são mais competentes do que nós para julgar a situação no seu país... Mas nós pedimos a mesma tolerância. Pedimos que nos seja permitido julgar qual é a tática mais adequada à nossa posição, sem concluir desdenhosamente que somos intelectualmente inferiores”³⁷.

Desde o início da disputa sobre a questão das candidaturas dos trabalhadores, os internacionalistas do Jura trataram o caso sem qualquer dogmatismo, em nítido contraste, aliás, com o que mais tarde seria a posição anarquista. A Federação do Jura nunca escondeu a necessidade de aproximação com os socialistas, apesar das consequências da sua exclusão da AIT. Assim, o *Boletim da Federação do Jura*, relatando o funeral de Bakunin na sua edição de 9 de julho de 1876, relata que “após a cerimônia, teve lugar uma reunião na sede da Sozialdemokratischer Verein. Ali, o mesmo desejo saiu de todas as bocas, alemã, italiana, francesa e russa: o esquecimento, na tumba de Mikhail Bakunin, de todas as discórdias puramente pessoais, e a união, no campo da liberdade, de todas as frações do partido socialista de ambos os mundos”. O artigo especifica as condições para esta necessária reconciliação, que não deve ser o resultado

³⁷ Cf. James Guillaume vol. I, 3^e partie, ch. 2, tome II, p. 43.

de uma fusão efêmera: “A cada grupo deve ser dada plena liberdade de ação e propaganda; somente devem ser excluídas desta ação e propaganda as recriminações pessoais entre homens que perseguem basicamente o mesmo objetivo, suspeitas injustas, insultos e calúnias, que só desonram aqueles que as lançam”.

Os participantes no funeral de Bakunin aprovaram uma resolução:

“Os trabalhadores reunidos em Berna por ocasião da morte de Mikhail Bakunin, e pertencentes a cinco nações diferentes, alguns deles apoiantes do Estado operário, outros apoiantes da livre federação de grupos de produtores, acreditam que a reconciliação não só é muito útil, muito desejável, mas também muito fácil, com base nos princípios da Internacional tal como formulados no artigo 3 dos Estatutos Gerais revistos no Congresso de Genebra de 1873.

“Por conseguinte, a assembleia reunida em Berna propõe que todos os trabalhadores esqueçam as dissensões vãs e infelizes do passado e se unam mais estreitamente com base no reconhecimento dos princípios enunciados no artigo 3º dos estatutos acima mencionados”³⁸.

Esta resolução devia ser saudada de várias formas.

Do ponto de vista dos federalistas, a unidade não significa alinhamento com uma única posição; não era incompatível com diferentes abordagens à emancipação do trabalho; é revelada pela manifestação de uma solidariedade concreta em caso de conflito com o Estado e o Capital. Este é obviamente um ponto de vista que a corrente marxista não poderia aceitar.

Em 1876, uma reconciliação parecia ser possível. “Saudamos com a maior alegria este fato importante, que resultará em um aumento considerável na força do partido revolucionário, dissipando muitos mal-

³⁸ Bakounine, Œuvres, édition Stock, 1907, p. LXI. O artigo 3 dos estatutos da Internacional, revisto em Saint-Imier, afirma: “As federações e seções mantêm a sua total autonomia, ou seja, o direito de se organizar segundo a sua vontade, de administrar os seus próprios assuntos sem qualquer interferência externa e de determinar por si próprias o rumo que pretendem seguir a fim de alcançar a emancipação do trabalho”. Em outras palavras, a Associação Internacional dos Trabalhadores resultante do congresso de Saint-Imier reconhece o direito das federações de adotar uma estratégia eleitoral. De acordo com a visão de Bakunin, o caráter “antiautoritário” da Internacional é o resultado do fato de que nenhuma estratégia é imposta.

entendidos e fornecendo uma oportunidade para que os homens que só se julgam uns aos outros por boatos se conheçam e se valorizem mutuamente”, segundo o *Boletim da Federação do Jura*.

“Esta aproximação era desejada e exigida mesmo nos momentos em que a luta entre as duas frações da Internacional era mais aguda. Não será inútil mostrar, com algumas citações dos vários jornais que sucessivamente serviram de órgão para os socialistas do Jura, que sempre procuramos a união e a paz, e que a conciliação que hoje se realiza é apenas o cumprimento do desejo que temos nutrido há oito anos”³⁹.

Esta aproximação obviamente não aconteceu: O *Tagwacht* de Zurique, ferozmente oposto à Federação do Jura, publicou em 17 de outubro de 1876 uma carta com cinco assinaturas, em nome de um Comitê Central do Grupo das Secções Internacionais de Língua Alemã, que foi um ataque violento contra a Internacional Antiautoritária, atacando os “Bakuninistas em ação” acusados de “causar discórdia e desorganização como sempre e em todo o lado, em vez de organização e união”... O objetivo desta carta, publicada em duas partes, era claramente mostrar que não havia acordo possível entre as duas correntes do movimento operário, “entre os representantes do socialismo científico”, como os autores da carta modestamente se autodenominam, e os “cérebros rachados da Internacional Bacunista”⁴⁰. Entre os signatários da carta estava J. Ph. Becker, executor das tarefas sujas de Marx, um dos membros mais violentamente antibakuninianos da Internacional. Foi ele quem organizou as manipulações de mandatos durante o congresso dos secessionistas marxistas em Genebra, em setembro de 1873.

Apesar dos esforços de Marx e Engels, que constantemente tentaram jogar combustível no fogo e aumentar a distância entre “antiautoritários” e “socialistas de Estado”, os militantes da Federação do Jura, que foram as verdadeiras forças motrizes do movimento federalista, não pouparam esforços para alcançar a reconciliação. Foi nesta qualidade que a Federação do Jura, e depois a Internacional Antiautoritária, em seu congresso de Berna, em 1876, propôs convocar um congresso reunindo todas as correntes do movimento operário para encontrar formas de reuni-las.

Um dos principais argumentos apresentados pelos jurassianos, e por

³⁹ James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs*, éditions Gérard Lebovici, Livre IV, 6^e partie, ch. VI, p. 77.

⁴⁰ Cf. James Guillaume, *op. cit.*, 6^e partie, ch. VII, p. 87.

James Guillaume em particular, para justificar a aproximação com a social-democracia alemã — porque é disso que se trata — é que as diferenças entre as duas correntes não eram tão importantes e que os jurassianos não se opuseram em princípio às táticas eleitorais, uma vez que as próprias resoluções do Congresso de Saint-Imier deixaram às federações-membro a tarefa de determinar o seu próprio caminho. O relatório da Federação do Jura para o Congresso de Berna, provavelmente escrito por James Guillaume, diz o seguinte:

“Não devemos acreditar que os Jurassianos têm em relação à candidatura dos trabalhadores, considerada como meio de propaganda e agitação, a repugnância invencível que lhes é atribuída. Pelo contrário, não estariam longe de experimentá-la, nem que fosse para demonstrar, experimentalmente, àqueles que acreditam na possibilidade de transformar a sociedade através de simples reformas legislativas, que eles nutrem ilusões”⁴¹.

Os líderes socialistas alemães não queriam uma aproximação com os “anarquistas”. Eles não queriam, de forma alguma, considerar a possibilidade de implementar estratégias e modos de organização plurais. Quando a AIT antiautoritária desapareceu, os militantes que se encontravam “órfãos da Internacional”, e aqueles que reivindicavam seu legado, como Fernand Pelloutier e Émile Pouget, persistiram em se sentir apegados à grande família do socialismo e continuaram a querer participar dos congressos socialistas internacionais organizados pela social-democracia, sem qualquer problema, pelo menos no início. Engels e os líderes alemães fizeram de tudo para excluí-los, mas isso levou algum tempo.

Em 1889 e 1891, os anarquistas quiseram participar dos Congressos de Paris e Bruxelas, mas a sua presença deu origem a protestos violentos. Grande parte dos delegados dos trabalhadores ingleses, holandeses e italianos, indignados com este comportamento, retiraram-se. Não se sentindo suficientemente fortes, no entanto, os socialistas não votaram a favor de quaisquer medidas sobre a questão parlamentar e alianças com os partidos do governo. Foi no Congresso de Zurique, em 1893, que pensaram poder aprovar uma moção que dizia, entre outras coisas, que “todas as câmaras sindicais serão admitidas no próximo congresso; [assim como] partidos e grupos socialistas que reconheçam a necessidade de organização

⁴¹ James Guillaume, *L'Internationale documents et souvenirs*, 6^e partie, Ch. VIII, p. 100.

e ação política dos trabalhadores”. Os anarquistas, expulsos pela porta, voltaram pela janela em 1896 ao Congresso de Londres... como delegados sindicais. Dos quarenta e três delegados operários franceses, vinte eram notórios anarquistas, incluindo Émile Pouget e Fernand Pelloutier...

Foram Fernand Pelloutier e Augustin Hamon que tiveram a ideia de organizar uma delegação “sindical-anarquista” ao Congresso de Londres (o termo “anarcossindicalista” ainda não existia). Foram auxiliados por Malatesta, que vivia em Londres e conhecia os círculos sindicalistas, e por Cornelissen, na Holanda. Este último escreveu um texto para a ocasião intitulado “Comunismo Revolucionário. Projeto para uma Compreensão e Ação Comum dos Socialistas Revolucionários e Comunistas Anarquistas”. Este foi mais um exemplo de uma tentativa de unidade com os socialistas de Estado, mas desta vez limitada aos socialistas revolucionários...

Foram necessários três dias de batalha para que os socialistas fossem vitoriosos, por uma margem estreita, para que fosse aprovada uma resolução excluindo de futuros congressos esses grupos, mesmo corporativos, que não aceitavam a necessidade do parlamentarismo. O relatório introdutório do Congresso Anarquista de Amsterdã, realizado em 1907, dizia sobre este evento: “A maioria queria pôr um fim aos anarquistas; eles não tinham ideia de que tinham acabado de expulsar o proletariado organizado deles para sempre”⁴².

01-7 Na Prática

A estratégia eleitoral que o marxismo quis impor levou muito tempo para se afirmar. Não havia uma impermeabilidade rigorosa entre a corrente que rejeitava a ação parlamentar e a que a defendia, pelo menos ao nível dos ativistas de base. Era comum na Europa da década de 1880-1890 que militantes ou grupos socialistas locais mudassem para o anarquismo. Este é o caso da França, Alemanha, Inglaterra, Holanda e Itália. É o debate sobre a oportunidade de tomar parte em ações eleitorais que normalmente desencadeava estes movimentos. Portanto, este não foi um debate acadêmico entre Bakunin e Marx, mas um problema que os ativistas estavam realmente a enfrentar no terreno, muitas vezes depois de o terem experimentado na prática.

⁴²*Anarchisme et syndicalisme, Le congrès anarchiste international d'Amsterdam.* — Introduction d'Ariane Miéville et Maurizio Antonioli. Nautilus; Éditions du Monde libertaire.

A Resolução Socialista de 1893, que exigia que os socialistas “fizessem todos os esforços” para se dirigir à ação parlamentar, tornando-a obrigatória, marginalizou os anarquistas, mas também marginalizou muitos socialistas que se opuseram ao parlamentarismo, bem como aqueles para quem a ação parlamentar era apenas uma opção entre muitas, e aqueles que a experimentaram e a consideraram inconclusiva.

Engels também o experimentou: em 1891, apesar da introdução de um sistema representativo, descobriu que “o governo tem todo o poder executivo”, e que “as câmaras [*o Parlamento*] não têm sequer o poder de recusar impostos”. “O medo de uma renovação da lei contra os socialistas paralisa a ação da social-democracia”, diz ele⁴³, confirmando novamente a visão de Bakunin de que as formas democráticas oferecem poucas garantias para o povo.

À distância de mais de um século, esquece-se que entre 1870 e 1900, todas as estratégias estavam apenas na fase experimental, a separação entre a corrente social-democrata e a corrente sindicalista federalista não era absolutamente irremediável. Vimos que os libertários participaram obstinadamente durante muito tempo dos congressos socialistas internacionais e depois, quando a Segunda Internacional foi constituída, nos congressos desta última até 1896. Mas o oposto também é verdade: dentro da social-democracia havia correntes oposicionistas que eram próximas ao anarquismo.

Na Alemanha, uma fração do Partido Social-Democrata foi excluída em 1880 e evoluiu para o anarquismo; Johan Most, que se tornou uma figura do anarquismo americano, fez parte dessa oposição. Já em 1885, outra oposição apareceu no partido alemão, o “Jungen” (Juventude), a favor da formação de grupos autônomos e denunciando “a influência pequeno-burguesa e socialista do Estado” e a ideia de uma organização centralizada. Uma cisão ocorreu em 1891 e o Jungen criou a Associação de Socialistas Independentes, em uma base federalista, defendendo a “luta de classes pura” e o antiparlamentarismo. Muitos de seus ativistas, como Gustav Landauer, evoluiriam para o anarquismo. A Associação foi dissolvida em 1894, a maioria dos ativistas retornou ao Partido Social-Democrata e seus líderes tornaram-se porta-vozes do revisionismo, ou seja, reformistas extremistas.

Na Bélgica, os violentos motins de trabalhadores eclodiram em 1886. No seio do Partido dos Trabalhadores Belga, houve então uma corrente que clamava à ação direta. Esta corrente fundou o Partido Republicano

⁴³ *Critique du programme d'Erfurt*, Éd. sociales, p. 101.

Socialista em 1887, favorável ao sufrágio universal, mas também era a favor de uma greve insurrecional. Esta dissidência desapareceu em 1889 e reintegrou o partido.

Na Holanda, uma personalidade como Domela Nieuwenhuis, ex-pastor convertido ao socialismo, desempenhou um papel importante na formação da esquerda holandesa. Inicialmente, defendeu a construção de sindicatos, o sufrágio universal e as greves econômicas. Dentro da Liga Social-Democrata (SDB), ele permaneceu convencido da necessidade de usar o parlamento como um fórum revolucionário. No entanto, ele rejeitou o parlamentarismo em 1891 e tornou-se, na Segunda Internacional, o único líder não parlamentar. Esta evolução explica-se pela observação de que as exigências de melhoria das condições de vida da classe trabalhadora enfrentam sistematicamente a violência do empregador e do Estado. A denúncia da social-democracia como uma fração da burguesia constituirá um dos pontos de encontro entre anarquistas e comunistas dos conselhos. Estes últimos dirão que a social-democracia é a corrente mais consistente dentro da fração avançada da burguesia.

Em 1891, Nieuwenhuis defendeu na Segunda Internacional a ideia de uma greve geral dos trabalhadores dos países beligerantes em caso de guerra. Em 1893, ele propôs uma moção, que foi aprovada pelo seu partido por uma estreita maioria, rejeitando qualquer atividade eleitoral. Isto mostra até que ponto a estratégia eleitoral estava longe de ter permeado a corrente social-democrata internacional. Ocorreu uma cisão, com a formação de um Partido Social-Democrata dos Trabalhadores no modelo alemão, que, na Holanda, era percebido pelos trabalhadores como uma organização liderada por uma pequena minoria de elementos de classe média. No entanto, o equilíbrio de poder acabou por se alterar rapidamente, pois um número crescente de membros da Liga Social-Democrata teve que se juntar ao eleitoralismo.

Os militantes deste partido juntaram-se ao partido reformista ou ao movimento libertário. A organização dissolveu-se em 1900. Em 1896, Nieuwenhuis abandonou ostensivamente o Congresso de Londres da Segunda Internacional, que tinha decidido excluir os anarquistas. Ele e seus apoiadores, que se uniram ao anarquismo, deixaram a Liga Social-Democrata em 1897.

Nieuwenhuis e Cornelissen colaboraram durante algum tempo e fundaram um jornal, *O Socialista Libertário*, e uma organização efêmera, a Federação dos Socialistas Libertários. O centro de gravidade do movimento libertário estava agora no sindicato. Em 1893, foi formado o NAS (Secretariado Nacional do Trabalho), sob a influência de Cornelissen.

Esta organização, com uma pequena, mas muito militante adesão, estará na vanguarda da luta de classes na Holanda.

Houve, portanto, um “período de transição” durante o qual os grupos de trabalhadores experimentaram uma ou outra estratégia, passando de uma corrente para outra, dependendo das circunstâncias. A recusa categórica dos dirigentes da Segunda Internacional em integrar em suas fileiras qualquer grupo que não aceitasse a ação parlamentar pode ter contribuído para forjar uma relativa homogeneidade de fachada no movimento socialista, mas isso foi feito à custa da vida e do debate.

A recusa da social-democracia alemã contra qualquer discussão sobre a greve geral em caso de guerra foi a consequência óbvia de sua abordagem dogmática e sectária dos problemas. No entanto, o modelo representado pela Segunda Internacional não estava definitivamente fixado, uma vez que aceitava as organizações sindicais — desde que fossem favoráveis à estratégia eleitoral (isto foi chamado de “ação política”). Assim, os militantes franceses expulsos de um congresso socialista como anarquistas retornaram ao próximo congresso com um mandato da CGT.

Até 1900, havia mesmo uma convergência real entre o anarquismo e o socialismo de esquerda não parlamentar. Na verdade, as delegações socialistas em congressos internacionais não eram então homogêneas porque o modelo social-democrata ainda não tinha sido definitivamente estabelecido ou totalmente imposto. Assim, quando a delegação alemã do Congresso da Segunda Internacional, em Zurique, expulsou da sala os Independentes de Gustav Landauer — uma tendência contrária ao parlamentarismo — esse ato de intolerância provocou um verdadeiro clamor, e cinquenta delegados deixaram a sala em solidariedade. Os dissidentes do Congresso realizaram reuniões separadas: ingleses, italianos, anarquistas franceses, a maioria dos socialistas holandeses, socialistas franceses. Foi nestes encontros que Domela Nieuwenhuis declarou que “a fusão de todos os elementos revolucionários é possível”⁴⁴.

Esta convergência entre anarquistas e socialistas revolucionários levou a um congresso em 1900 e deveria ter levado à formação de uma Internacional antiautoritária. O Congresso foi dispersado pela polícia, sob as leis antianarquistas de 1894, e nunca se realizou⁴⁵. Mas seria, sem dúvida, um erro atribuir à polícia francesa a responsabilidade exclusiva

⁴⁴ *Le Temps*, 12 août 1893.

⁴⁵ Cf. Guillaume Davranche, “Pelloutier, Pouget, Hamon, Lazare et le retour de l’anarchisme au socialisme (1893-1900)”, *Cahiers d’histoire. Revue d’histoire critique*, n. 110, 2009.

pela não criação de uma Internacional antiautoritária: também aqui os fatores internos desempenharam um papel importante. Se a iniciativa tivesse correspondido a uma necessidade premente do período histórico, teria sido bem sucedida. Não surpreende que uma grande parte dos socialistas antiparlamentares acabou por reintegrar a social-democracia.

Introdução	2
01. — A Associação Internacional dos Trabalhadores.....	9
01-1 Uma Estrutura de Tipo Sindical.....	12
01-2 Marx e Bakunin: Um Pouco de Perspectiva.....	13
01-3 Os desafios do confronto	17
01-4 O Congresso de Haia (2-7 de setembro de 1872).....	21
01-5 Saint-Imier, uma Cisão?	24
01-6 Tentativas de Reconciliação	25
01-7 Na Prática	30